
Evernote e Facebook aceleração tecnológica: arquivos eternos de memórias virtuais?

Vera Dodebei ¹

Rosali Henriques²

Marcela Werneck³

Resumo: O uso da rede social Facebook e do aplicativo Evernote são analisados como possíveis ferramentas de arquivamento de memórias individuais e coletivas de internautas, que podem garantir a manutenção de registros *online* de experiências sociais, assim como recursos que permitem ao pesquisador a subsequente análise das informações registradas sob um ponto de vista científico. Discutimos a relação entre os dois aplicativos sob o viés da memória social no âmbito da cibercultura, enfatizando a necessidade de esquecer para abrir espaço às novas lembranças. Apresentamos dois estudos de caso: *Net-ativismo e a Aldeia Maracanã e Os jovens nativos digitais e a memória do presente* investigados tanto no Facebook, que parece não mais garantir disponibilidade de memória, quanto no Evernote, que objetiva ser um sistema personalizado de cópia de segurança em ‘nuvem’ (*cloud computing*), em que seu próprio ícone, um elefante verde, remete à ideia de uma memória infalível. Embora possuam objetivos diferentes de uso, ambos possuem uma intenção de preservação da memória virtual. Sendo assim, concluímos com as questões: será que podemos afirmar que esse desejo de eternizar essa memória virtual é legítimo e, se for, será plenamente satisfeito?

Palavras-chave: Memórias virtuais. Facebook. Evernote. Net activism (Ciberativismo). Nativos digitais.

Abstract: The use of social network Facebook and the application Evernote are analyzed as possible tools for archiving of netizens individual and collective memories, which can ensure the maintenance of online records of social experience as well as serve as resources that allow the researcher to subsequent analysis of information recorded under a scientific viewpoint. Discuss the relationship between both applications under the bias of social memory in the context of cyberspace, emphasizing the need to forget to

¹ Doutora em Comunicação e Cultura. DPTD e Programa de Pós-Graduação em Memória Social (Unirio). Email: dodebei@gmail.com.

² Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Memória Social (Unirio). Email: rosalih@gmail.com

³ Mestranda Programa de Pós-Graduação em Memória Social (Unirio). Email: marcelawerneck@yahoo.com

make room for new memories. Present two case studies: “Net-activism and Maracana Village” and “The young digital natives and the memory of present”, investigated both on Facebook that seems no longer guarantee availability of memory, and Evernote that aims to be a custom system copy security in 'cloud' (cloud computing), in which its own icon, a green elephant, refers to the idea of an infallible memory. Although they have different goals in relation to its use, both Facebook and Evernote have an intention to preserve virtual memory. Concluding, we ask: can we say that this desire to perpetuate this virtual memory is legitimate and, if so, will be fully satisfied?

Keywords: Virtual memories. Facebook. Evernote. Net activism (cyberactivism). Digital natives.

Introdução

A memória é seletiva, não guardamos tudo, mas apenas uma parcela do que nos aconteceu durante a vida. E nem sempre o que guardamos é aquilo que queremos guardar e nem selecionamos o que guardar, mas o que restou em nossa memória. Le Goff (2000, p. 27) afirma que: “O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história” e, assim, também é a dinâmica da memória social na internet. O que se preserva não é necessariamente o que se quis preservar, mas o que o acaso ou o infortúnio permitiu. Da mesma forma, em relação à memória individual, podemos afirmar que quando efetuamos registros de nossa memória na internet compartilhamos esta memória com outras pessoas de nosso círculo social. Mas como, ou por quê, garantir a preservação dessas memórias para o futuro?

Para estudar a internet enquanto espaço de registro e preservação da memória social, iremos nos apoiar em dois estudos de caso: o primeiro aborda a perspectiva da memória entre os jovens nativos digitais, que utilizam o Facebook como plataforma para os registros de sua memória cotidiana. Nesse estudo de caso nos interessa o uso do Facebook como suporte de registro dessas memórias imediatas.

O segundo caso diz respeito a uma ação ciberativista em prol da preservação de um patrimônio histórico: a questão da Aldeia Maracanã no Rio de Janeiro, em que um grupo de indígenas reivindica a restauração e transformação do prédio do antigo Museu do Índio em um centro cultural indígena. Para mobilizar a opinião pública, ciberativistas lançaram mão de perfis no Facebook para arquivar e compartilhar as

informações referentes ao andamento da sua luta. Assim, procuramos identificar como a rede social exerceu influências para o andamento da referida causa social.

Ambos os estudos foram efetuados utilizando-se a rede social Facebook (2004) como plataforma de análise e o aplicativo Evernote (2008) para armazenamento dos dados coletados. Neste artigo temos como objetivo analisar o uso destas ferramentas como mecanismo de armazenamento e preservação da memória virtual.

Memória: lembrança, esquecimento e excesso

Ao discutirmos os processos de registros de memória nos aplicativos Facebook e Evernote, não podemos deixar de abordar a questão do esquecimento. Lembrança e esquecimento são partes intrínsecas da memória, pois lembrar é também uma forma de esquecer. Em eventos traumáticos, como o Holocausto, por exemplo, o desejo de deixar registrados os fatos tais como eles aconteceram faz parte do processo de tentar lembrar o que se passou e evitar que se repitam. Primo Levi (2004) alerta para o desejo do esquecimento de muitos dos sobreviventes dos campos de concentração nazistas, no que ele denomina de memória da ofensa. No entanto, ele afirma que esta memória está sempre ancorada no contexto dos fatos e não é cópia fiel dos mesmos. Um dos riscos ao analisar as memórias de determinado autor é esperar que os fatos por ele narrados sejam cópia exata dos acontecimentos. Não se trata de reproduzir os fatos, tarefa praticamente impossível, mas lembrar do que se passou. E isso é a memória. Ela é seletiva e, portanto, como afirma Primo Levi (2004), falaz.

A memória, no entanto, não é simplesmente um mecanismo com botão de liga e desliga, que nos faz lembrar apenas do que nos interessa. Nesse sentido, Andreas Huyssen (2000) aponta que não há uma oposição entre memória e esquecimento, mas que ambas são partes do mesmo processo. O esquecimento é tão necessário à memória quanto a lembrança, pois não há memória sem esquecimento. No entanto, o equilíbrio entre esses dois movimentos é muito frágil, pois às vezes há um esquecimento total, tanto individualmente como socialmente, e em outras ocasiões excesso de lembrança. Como equilibrar esta balança ou, como propõe Paul Ricoeur

(2007), entre memória impedida, memória manipulada e memória obrigada, o que fazer para obter-se uma justa memória?

Na *internet*, proliferam *sites* de histórias que incentivam a rememoração: são blogs, comunidades virtuais, *sites* de museus e de projetos de incentivo ao envio de histórias de vida. Muitos desses projetos sobre eventos traumáticos, tais como Holocausto, desaparecidos, massacres em massa ou guerras civis, abrem espaço para que as pessoas possam conhecer as histórias daqueles que viveram determinados acontecimentos e lutar contra o esquecimento. No entanto, o excesso de informação comunicado pela sociedade pode vir a produzir um efeito contrário, relegar ao esquecimento essa memória dos acontecimentos, tal como nos alerta Andreas Huyssen (2000). O autor questiona se esse excesso de memória não acabaria produzindo um “explosivo” esquecimento e que muito do que consumimos hoje como memórias de massa seriam “memórias imaginadas”. Estas seriam mais fáceis de serem esquecidas do que aquelas por nós vividas. Segundo ele, “Quanto mais nos pedem para lembrar, no rastro da explosão da informação e da comercialização da memória, mais nos sentimos no perigo do esquecimento e mais forte é a necessidade de esquecer.” (HUYSSSEN, 2000, p. 20). Nesse sentido, também Umberto Eco (1999), em entrevista publicada em 1999, já alertava para a crise da memória a partir do acúmulo de informações produzido pela internet. Para ele, a internet seria uma espécie de “um imenso Funes⁴”, pois “até o presente a sociedade filtrava para nós, por intermédio dos manuais e das enciclopédias” e com o advento da internet “ampliamos nossa capacidade de estocagem da memória, mas não encontramos ainda o novo parâmetro de filtragem”. Eco adverte que um pouco de esquecimento é necessário para o equilíbrio da memória.

O Facebook é um lugar de memórias?

⁴ No conto ‘Funes, o memorioso’, o escritor argentino Jorge Luís Borges conta a história de um homem, que após uma queda de um cavalo passa a lembrar de todos os detalhes da sua vida, sem esquecer nenhum pormenor. Esta situação leva a um esgotamento de Funes, pois ele não consegue descansar a memória.

Podemos notar que o Facebook está se tornando uma ferramenta muito eficaz na comunicação de um determinado projeto ou grupo de trabalho. Nesse sentido, os *sites* e *blogs* têm cada vez mais cedido espaço para as redes sociais, não só pela sua abrangência, mas pela possibilidade de interação com um maior número de pessoas.

O fenômeno das redes sociais *online* é bem recente e nasceu de uma tendência natural do crescimento da internet em relação à criação de espaços de participação dos usuários. O Facebook foi criado em 4 de novembro de 2004 por Mark Zuckerberg e outros alunos de Harvard com o objetivo de conectar estudantes dessa universidade e, posteriormente, se estendeu a outras universidades de Boston, dos EUA, Europa e finalmente se espalhou para o mundo inteiro.

Em setembro de 2011, o Facebook lançou uma nova versão em que o usuário cria e alimenta a sua própria linha do tempo. A ideia é criar um espaço de registro dessa memória do passado, mas também do presente. Mark Zuckerberg (2011), criador do Facebook, durante o evento de lançamento deste novo aplicativo fez a seguinte afirmação: "Criamos um jeito de contar todas as histórias importantes de sua vida em uma única página". A ideia é que a vida de qualquer pessoa do Facebook possa ser disponibilizada na linha do tempo, tornando a rede social um espaço de memórias. Continua Zuckerberg (2011): "É a história de sua vida e tem três pedaços. Seus aplicativos, suas histórias e um jeito de expressar quem você é. Queremos fazer do Timeline um lugar que você se orgulha de chamar de 'casa'".

Ao disponibilizar esta nova versão, o Facebook assumiu um papel de aglutinador de registros das memórias das pessoas. No entanto, como em qualquer instituição ou empreendimento comercial, o objetivo inicial do Facebook não era o de suportar as memórias das pessoas, mas criar um espaço de socialização. No entanto, seria lícito afirmar que o Facebook está se tornando um "lugar de memórias" ou de um livro de caras (face), um livro de memórias? Segundo Marion Strecker (2012), o Facebook está se tornando uma espécie de "Catálogo da Terra Inteira⁵" com as histórias e fotos que as pessoas vão voluntariamente alimentando a rede social. Este

⁵ Catálogo da Terra Inteira (ou "*Whole Earth Catalog*") é um nome de um catálogo publicado entre os anos de 1968 e 1972 por Stewart Brand.

catálogo aglutinaria as experiências das pessoas, suas memórias e suas narrativas sobre o mundo.

Com a ajuda de seus usuários e através do aplicativo linha do tempo, o Facebook está adquirindo um perfil de uma grande enciclopédia de histórias e memórias, memória do momento presente e memória dos momentos passados. Seria uma espécie de museu de si mesmo. A evolução das redes sociais nesta direção era previsível, uma vez que a tendência da *Web 2.0* é transformar cada pessoa em autor, criando o seu próprio *broadcast*, tornando-se o centro de uma ferramenta de comunicação cada vez mais voltada para o indivíduo e suas individualidades, porém permitindo, em tempo real, a conectividade.

O diferencial do *Facebook* em relação às outras redes sociais *online*, e que fez dele o líder mundial, foi a disponibilização de um mural onde os internautas podem postar comentários que são facilmente visualizáveis pelo círculo de amigos do usuário. Além disso, possibilitou o compartilhamento de informações sobre qualquer assunto, seja um *link* de uma notícia lida em algum portal ou um vídeo visualizado no *You Tube*. Com a possibilidade de compartilhar, criou-se uma ferramenta de mobilização *online*, muito utilizada por movimentos sociais.

Evernote e o arquivamento da memória virtual

O Evernote é um aplicativo de *cloud computing* e de armazenamento de informações pessoais. Seu uso é bem abrangente, pois através de vários recursos é possível utilizá-lo para arquivos pessoais, como agendas, bloco de notas, além de oferecer um serviço de *clipagem* de páginas da internet. Dessa forma, ao instalar o Evernote Web Clipper em seu navegador, o usuário poderá capturar e salvar qualquer tipo de informação existente na internet, seja, uma *web page*, um texto ou uma imagem. Com a possibilidade de adicionar *tags* ao conteúdo capturado, o Evernote é um aplicativo muito eficaz para coleta e análise de informações na internet. Assim, o aplicativo está se tornando uma espécie de gerenciador de nossa memória virtual.

O Evernote é uma forma fácil e poderosa de lembrar de tudo, desde recordações de toda uma vida e informações vitais a lembretes diários e listas de tarefas. Tudo o que você armazena em sua conta do Evernote é

automaticamente sincronizado em todos os seus dispositivos, facilitando capturar, navegar, pesquisar e editar suas notas em qualquer lugar em que o Evernote esteja disponível, incluindo smartphones, tablets, computadores e a Web. (EVERNOTE, 2008).

O Evernote foi lançado em versão beta 2008 pela empresa californiana de mesmo nome, com a promessa de que com ele é possível ao usuário “lembrar-se de tudo, comunicar-se de forma eficiente e concluir tarefas”. Disponível para diversos equipamentos, como PCs, Macs, iPhones e outros dispositivos móveis, permite a captura e o armazenamento de qualquer conteúdo da internet, assim como seu posterior acesso a partir de diversos aparelhos. O carro-chefe é sua tecnologia de reconhecimento e sincronização, que disponibiliza de diversas formas o mesmo conteúdo armazenado em nuvem. Pode-se salvar uma foto em um computador *desktop* e em seguida acessá-la via telefone celular. O aplicativo pode arquivar páginas inteiras ou seleções; *links*, artigos, e-mails e textos em pdf. Particularmente impressionante é a opção de buscar palavras específicas em textos digitados ou manuscritos dentro de imagens. O sistema pode ser conectado ao Facebook e o usuário também tem a possibilidade de criar notas, com textos e imagens, além de programar lembretes para execução de tarefas.

A empresa oferece um plano gratuito e um pago, com serviços *premium* de armazenamento, maior qualidade de segurança e mais recursos. O Evernote conta com vários aplicativos complementares, sendo o principal deles o *Web Clipper*. Este aplicativo insere o ícone do elefante ao lado da barra de endereços, e com apenas um clique a apreensão do conteúdo desejado é realizada.

O Evernote é um repositório de registros de memória na *web*, permitindo armazenar e compilar arquivos de texto, fotos e dados disponíveis. Ao disponibilizar ferramentas de preservação dos registros virtuais, o Evernote traz para si a responsabilidade de eternizar a memória e os rastros digitais disponíveis na rede de conexões disponíveis na internet.

Os jovens nativos digitais e a memória do presente

Dentre as inúmeras possibilidades de estudar memória e internet, uma das questões que analisamos é a relação dos nativos digitais com a internet. Nativos

digitais é uma expressão criada pelo educador canadense Marc Prensky (2001) para definir as pessoas que nasceram após o advento da internet, do celular e do MP3. Quem nasceu anteriormente a este período seria um imigrante digital, pois teve que aprender a lidar com esta tecnologia em sua fase adulta.

Segundo o educador Marc Prensky (2001), um dos problemas atuais é que a geração de imigrantes digitais quer ensinar aos nativos digitais como utilizar a *internet*, principalmente na escola. Na visão desse autor, esta situação seria uma incoerência, pois os jovens nativos digitais, provavelmente, vão encontrar os caminhos mais úteis a suas necessidades informacionais dentro do universo da *internet*. Mas, ao discutir o uso da *internet* pelos nativos digitais, queremos saber como esta nova geração lida com questões como, por exemplo, preservação do patrimônio e da memória no ambiente virtual. O fato de dominarem uma tecnologia, muito mais do que seus pais e seus professores, não significa necessariamente que dominam as discussões sobre essa mesma tecnologia. Estamos em sintonia com Livingstone (LIVINGSTONE, 2011, p. 13), quando ela afirma que “*dominar uma tecnologia significa manejar não só o hardware, mas tudo o que a internet oferece a seus usuários*”. É preciso entender os processos mentais por trás do desejo e da vontade de preservação da memória, seja na *internet* ou em outros espaços da vida. Assim, podemos indagar, o que essa geração pensa sobre o que deve ser preservado.

As narrativas de memória sempre foram sobre um passado, a partir de um presente e para um determinado futuro, pois segundo Walter Benjamin (BENJAMIN, 1994, p. 211) “*A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração*”. Desde os mais primitivos tempos, passando pela tradição oral, pela história oral ou em diários de meninas, as narrativas de memória foram sempre na perspectiva do presente, com a reflexão de algo que já passou e com o objetivo de trazer alguma lição para o futuro. No entanto, acreditamos que o uso da internet, principalmente das redes sociais, tem modificado a forma como o registro da memória é feito pelos nativos digitais. Ao postar fotos e textos em tempo real no Facebook, os usuários da internet estão produzindo registros e postando-os no momento exato da produção do fato. Assim, torna-se um registro sobre o momento instantâneo para um presente também instantâneo, quase como

que um presente-passado e um presente-presente, que podemos chamar de atual. Essa memória do presente é uma memória efêmera e imediata, compartilhada em tempo real com seus amigos e familiares. Esta, que podemos chamar de memória compartilhada, seria uma espécie de memória imediata e, ao mesmo tempo mediada pelo espaço virtual da internet, o ciberespaço. Nesse sentido, Canavilhas (2004) aponta que a internet comprime o tempo, não o tempo entre emissão e recepção da mensagem, mas o tempo da memória. O autor afirma que, desta forma, passamos a ter um passado-presente e um presente-presente.

Net-ativismo e a Aldeia Maracanã

O segundo caso escolhido para análise é a luta pela preservação do antigo Museu do Índio, anexo ao estádio do Maracanã no Rio de Janeiro. Trata-se de um casarão do início do século XX, que foi sede do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) sob a tutela de Marechal Rondon, e posteriormente, com a direção de Darcy Ribeiro, abrigou o Museu do Índio. Com a transferência da instituição para outro endereço, em Botafogo, o prédio original foi esquecido pelos órgãos governamentais e abandonado. Por anos serviu de abrigo a moradores de rua e usuários de droga, até ser invadido em 2006 por um grupo de indígenas que desejavam sua recuperação. Instalando-se na área externa à edificação, construíram ocas e pequenas casas e intitularam o local de Aldeia Maracanã. Formando uma pequena comunidade, passaram a oferecer hospedagem a nativos de outros estados e a organizar atividades culturais, como momentos de “contação de história”, cursos de línguas indígenas, venda de artesanatos, exibição de música e danças e até cerimônias religiosas como casamentos.

Esta pequena aldeia urbana chamou a atenção de estudiosos da área, e com o apoio da defensoria pública foi iniciado um processo formal de pedido de tombamento e recuperação do imóvel, que foi ignorado por anos. O caso só ganhou notoriedade em 2012, perante a decisão do governador do estado de demolir o antigo museu e criar ali um estacionamento, nos preparativos da área para a Copa do mundo de 2014. Pegando carona nos movimentos sociais que contestam as condições jurídicas e financeiras do processo de privatização do estádio, a Aldeia Maracanã, ao

lado dos outros prédios também ameaçados (o estádio de atletismo Célio de Barros, o complexo de piscinas Julio Delamare e a Escola Municipal Friedenreich, uma das melhores do país), tornou-se símbolo da oposição às políticas estaduais para a modernização da área, e grande parte desta luta foi travada na internet: na rede social Facebook, no Twitter, *blogs* e no Youtube. Na manhã do dia 22 de março de 2013, lançando mão de um mandato de imissão de posse, o governo do estado cercou a área com o batalhão de choque e forçou a saída dos índios. Houve violento confronto com manifestantes, tudo transmitido durante várias horas pelas redes de TV locais. Entretanto, com o movimento crescente de protestos nas ruas do país e em especial no Rio de Janeiro, o governador voltou atrás na sua decisão e declarou que irá permitir a realização do desejado centro cultural indígena no antigo casarão, assim como concordou em manter intactas as instalações esportivas e as escolas.

Considera-se que a mobilização na rede social Facebook tenha sido uma das principais armas dos índios nesta conquista. Em dezembro de 2012 foi criado um perfil intitulado Aldeia Maracanã – página oficial, que passou a disponibilizar fotos, vídeos, e textos. Mas sua própria utilização da tecnologia deu margem a críticas: muitos internautas questionaram o fato de índios estarem portando celulares e laptops, como se esta prática fosse incompatível com sua identidade. Entretanto, eles parecem estar mais do que familiarizados com as redes sociais da internet: durante uma audiência pública, o líder Kaiowá Elizeu Lopes afirmou que “se não fosse o Facebook do homem branco, todos já estariam mortos” (MOURA, 2013). Incontestável foi o grau de adesão da rede à divulgação da situação, com um número enorme de internautas acrescentando *Guarani-Kaiowá* ao seu nome de perfil, o que inclusive chegou a ser “repreendido” pelo Facebook. Podemos também afirmar que se não fosse o Facebook, a disputa sobre a Aldeia Maracanã talvez sequer tivesse chegado ao conhecimento da opinião pública, ou pelo menos não na extensão que alcançou, com mais de sete mil “curtidas” até o momento. A semana que mais gerou acessos, comentários e compartilhamentos foi a do dia 17 de março de 2013, justamente quando houve a retirada dos índios pelo Batalhão de Choque (estatística disponibilizada na própria página da comunidade pelo Facebook). Desde novembro de 2012 os próprios índios e alguns apoiadores vinham postando informações quase

que diariamente: fotos e vídeos registrando as atividades da Aldeia, de modo a comprovar que ali se realizavam atividades culturais e, portanto, seu valor de patrimônio imaterial; cópias de documentos oficiais dos processos, a favor ou contrários aos índios; registros de apoio de personalidades (artistas, políticos, intelectuais etc); links para as petições *online*; pedidos de mantimentos e colchonetes para os apoiadores que estavam acampados na Aldeia; narrativas sobre a historicidade do prédio e o mais dramático - apelos contra a iminente ameaça de invasão policial, com atualizações em tempo real sobre quantos carros de choque havia, quantos policiais, quais suas posições etc.

A construção virtual da Aldeia Maracanã

A partir da coleta no Facebook de informações sobre o prédio do antigo Museu e sobre as atividades ali desenvolvidas, os índios buscaram construir uma narrativa coerente sobre sua patrimonialidade, de modo a justificar seu pedido de tombamento. Deste modo, a rede social não só abreviou o processo de divulgação desta narrativa para o público em geral, como também o fortaleceu, através das manifestações virtuais de adesão e suporte. Dentre as justificativas identificamos um discurso análogo ao que José Reginaldo dos Santos Gonçalves identificou nos seus estudos sobre a retórica da perda: o Brasil como um país que não valoriza seu patrimônio e que se deixa invadir por uma cultura estrangeira, no caso representada pela comercialização do futebol. Neste sentido, salvar a Aldeia Maracanã é reverter este processo, enaltecendo as raízes indígenas da nossa identidade nacional. O Facebook é o lugar do grito, da luta, onde as repetidas publicações de fotos do casarão em estado de abandono remetem à ideia de alegoria apresentada por Gonçalves; constroem uma imagem de ameaça de extinção:

Um patrimônio cultural é feito de ruínas no sentido literal e no sentido metafórico do termo. Como uma forma moderna de alegoria, as narrativas de patrimônio cultural transformam objetos em ruínas, no sentido de que os resgatam de um supostamente inevitável processo de destruição. (GONÇALVES, 1996, p. 114)

Pierre Nora também aponta para o discurso de perda comum às discussões patrimoniais: “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há

memória espontânea e que é preciso criar arquivos” (NORA, 1993, p.12-13). De fato, o primeiro aceno dos indígenas é de que sua importância está esquecida. Mas, para além disto, o desejo do grupo da Aldeia Maracanã não é o de criar um outro espaço arquivístico, como o novo Museu do Índio de Botafogo. A recuperação da antiga sede do SPI é alegoria para o reconhecimento do indígena como elemento central da identidade brasileira. O objetivo é criar um outro espaço que eles denominam de *museu vivo*, com o índio presente em carne e osso. E o canal usado para esta aproximação com a sociedade urbana foi a internet. O Facebook é, certamente como vimos, um lugar de comunicação. Mas será também da memória, no sentido em que constrói a imagem da ruína e a urgência da salvação?

Considerações Finais

Embora possuam objetivos diferentes em relação ao seu uso, pois o Facebook se apresenta como uma rede de trocas e relacionamento e o Evernote como um espaço de armazenamento de registros, podemos afirmar que ambos possuem uma intenção de preservação da memória virtual. Esta preservação é apresentada de formas diferentes, tendo o Facebook assumido uma postura ao transformar a linha do tempo em um espaço de registro de memória do usuário, enquanto o Evernote se propõe a armazenar e lembrar de tudo o que o usuário necessita no espaço virtual. No entanto, será que esse desejo de eternizar essa memória virtual é necessário e, se for será plenamente satisfeito?

Quando falamos de espaços virtuais de preservação de memória, como sites ou outras plataformas, é preciso ficarmos atentos a uma questão muito importante: a perenidade. Muitos sites ou aplicativos virtuais foram criados e extintos ao longo da existência da internet⁶. Por isso, seria ingênuo acreditar na perenidade dessas iniciativas. O Evernote será uma empresa perene e portanto poderá preservar nossa memória virtual eternamente? Infelizmente, a história da internet nos tem provado que não temos garantia de eternização de qualquer *site*.

⁶ Um caso recente é o site Megaupload, um serviço de download e upload de arquivos criado em 2009 que liderou o mercado nessa área e que foi encerrado em 2012 pelo FBI, por violações dos direitos de propriedade.

O pesquisador netnográfico, aquele que realiza pesquisas sobre publicações e interações nas redes sociais digitais, encontra ainda grande dificuldade para realizar a coleta e a organização de dados. O que é postado no Facebook pode desaparecer a qualquer momento; daí a escolha de se usar o Evernote como cópia de segurança dos dados. Mas será que este arquivo também é suficiente, levando em consideração a duração de um curso de mestrado ou doutorado?

Mesmo em relação às redes sociais, podemos afirmar que elas são sazonais e sofrem mutações ao longo de sua existência. No caso brasileiro, por exemplo, a rede social que até 2011 dominava o mercado, o Orkut passou sua liderança para o Facebook nessa ocasião (PORTAL G1, 2011). Embora migrar os dados para outras plataformas seja quase sempre possível, como por exemplo entre o Orkut e o Google Plus, o medo dos usuários é a perda do conteúdo virtual. Quem nos garantirá que as fotos e textos postados no Facebook serão preservados para o futuro? Podemos utilizar exemplos dos museus para explicar a preservação da memória e do patrimônio. Os museus analógicos são instituições perenes cujo objetivo é o registro, a preservação e a divulgação do patrimônio da humanidade. Eles são responsáveis pela preservação dessa memória analógica. E a memória virtual? A quem caberá a preservação? Com o que temos trabalhado até o momento não podemos afirmar que o Evernote e o Facebook sejam arquivos eternos de memória virtual, uma vez que qualquer garantia da preservação não é eterna. Qual instituição ficará responsável por essa memória virtual? Ou, é, assim, tão importante preservar?

Referências

- ALDEIA MARACANÃ (página oficial). Facebook. Disponível em <<https://www.facebook.com/ALDEIATAMOIO>>. Acesso em 08 de agosto de 2013.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas vol.1. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- CANAVILHAS, João. *A internet como memória*. **BOCC: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. 2004. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf> . Acesso em em 21 de abril de 2013.

-
- EVERNOTE launches public beta of popular cloud and desktop 'memory-capturing' service. Califórnia, 24 de Junho 2008. Disponível em: <http://evernote.com/corp/news/pr/2008-06-24.php>> Acesso em: 06/08/2013.
- ECO, Umberto. O bug da memória. Entrevista com Umberto Eco. Biblioteca da Folha. Disponível em <http://biblioteca.folha.com.br/1/02/1999080801.html>. Acesso em 08/07/2013.
- EVERNOTE. 2008. <http://evernote.com/intl/pt-br/evernote/guide/android/> Acesso em 08/07/2013.
- FACEBOOK. www.facebook.com 2004.
- FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.
- GONÇALVES, J. Reginaldo Santos. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – Iphan, 1996.
- HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Vol. 1 – História. Lisboa: Edições 70, 2000.
- LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- LIVINGSTONE, Sonia. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades online. São Paulo, **Matrizes**, ano 4, n° 2, jan./jun., 2011. p. 11-42.
- MOURA, Ana Monique. **Os índios e o Brasil: da histórias às redes sociais**. Brasil de Fato. 01 Abr de 2013. Disponível em < <http://www.brasildefato.com.br/node/12507>>. Acesso em 08/08/2013.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo, Projeto História - Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História. v. 10, 1993.
- PORTAL G1**. Facebook ultrapassa Orkut em usuários únicos no Brasil, diz Ibope, publicada em 2011. Disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/facebook-ultrapassa-orkut-em-usuarios-unicos-no-brasil-diz-ibope.html>. Acesso em 15/07/2013.
- PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. In: MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky - Digital Natives, Digital Immigrants - Part1.pdf>. Acesso em 15/07/2013.
- RICOEUR, Paul. Da memória e da reminiscência. In: _____. **Memória, História e esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007. P. 25-70.

STRECKER, Marion. **Novo Catálogo da Terra Inteira, Facebook transforma pessoas em marqueteiros de si mesmos**. UOL Tecnologia. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/18/novo-catalogo-da-terra-inteira-facebook-transforma-pessoas-em-marqueteiros-de-si-mesmos.htm>, Acesso em 10/04/2013.

ZUCKERBERG, Mark. Facebook muda página pessoal para linha do tempo e altera botão 'curtir'. **Globo Tecnologia**. Disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/facebook-apresenta-linha-do-tempo-para-registrar-vida-do-usuario-no-site.html> Acesso em 10/08/2013.